

Reflexões teológicas e políticas sobre o governo cristofascista de Bolsonaro

Theological and political reflections on Bolsonaro's Christ-fascist government

Stella Fátima Coelho Garrido*

 <https://doi.org/10.29327/256659.13.2-16>

PY, Fábio. *Pandemia Cristofascista*. Série: contágios infernais. São Paulo: Recriar, 2020. 53 p.

Durante o segundo ano de governo de Jair Bolsonaro, uma pandemia que começou no ano anterior na China, chega ao Brasil trazendo ainda mais incertezas e crises no panorama nacional. É nesse contexto que Fábio Py lança em 2020, pela editora Recriar, o livro *Pandemia Cristofascista*. A obra se propõe a ser uma reflexão em tempos pandêmicos, do governo e suas bases evangélicas.

Teólogo e historiador, Py é professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e trabalha com religião e política no Brasil. Entre suas publicações mais recentes estão: *Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro* (2021), *The Current Political Path of an Ultra-Catholic Agent of Brazilian Christofacism Father Paulo Ricardo* (2020c) e *Bolsonaro's Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19* (2020b). Também recebeu o prêmio de impacto nas Ciências Humanas do Google em 2021.

O título do livro é um jogo de palavras, expondo simultaneamente a problemática da epidemia pelo covid-19 comum questionamento de que esse surto também possa ser do que o teólogo explica como Cristofascismo. Não se pode desprezar o papel assumido pela religião na disputa eleitoral de 2018, tanto que, como exemplo, podemos citar os versículos bíblicos utilizados para dar um ar cristão nos discursos do então candidato à presidência. Logo, o autor afirma na introdução que “não colocar a teologia em pauta é perder de vista o poder existente em sua utilização política pela via do fundamentalismo cristão das grandes corporações” (PY, 2020a, p.4).

* Graduada em História e mestranda no Programa de Pós-graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: stellagarrido@gmail.com.

Py utiliza a expressão “teologia governamental” (p.5) para expressar justamente esta fusão de política e religião que ignora a existência constitucional de um Estado laico e, segundo ele, se apropria “das teologias populares” (p.6) que fazem parte da construção cultural brasileira. A religiosidade se faz presente e será por meio desta vivência que muitos compreendem o mundo sob a ótica da religião. Baseando-se nessa realidade, o bolsonarismo finca suas bases utilizando da Frente Parlamentar Evangélica e das grandes corporações evangélicas, com seus líderes. O olhar trazido pelo livro sobre a junção de religião e política é importante para a reflexão de como ambos os temas se conectaram para as eleições e ainda se retroalimentam no próprio governo eleito.

O livro apresenta como contexto histórico a pandemia e está dividido em três capítulos. Segundo o autor, a obra “se desenha dentro da área de Religião e Política, refletindo sobre a teologia política do estado autoritário atual” (p.9). Ainda na introdução, Py começa a desenhar a explicação do conceito de cristofascismo como “a forma de governo que está gerindo o contexto da pandemia. “Cristofascista” porque instrumentaliza seu mandato pelo fundamentalismo evangélico e o conservador católico” (p.9).

O primeiro capítulo traz um importante articulador entre os campos político e religioso que é a Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Para Py, este “é um braço político de apoio parlamentar de Bolsonaro quanto seus religiosos (pastores, missionários e bispos), organiza suas bases sociais preocupadas em promover com linguagem cristã as posições do governo genocida brasileiro” (p.10). Segundo o site da FPE, sua missão é: “Acompanhar e fiscalizar os programas e as políticas públicas governamentais manifestando-se quanto aos aspectos mais importantes de sua aplicabilidade e execução”.¹ Outro aspecto relevante, presente na descrição de sua página oficial, são as estratégias de ação da Frente que contam com o seguinte item: “combater projetos de lei nocivos à sociedade brasileira, a desconstrução da família, a vida, a liberdade constitucional de cultos, educação, segurança pública e do Estado Democrático de Direito”². Tal estratégia, exposta no site oficial da FPE, fortalece a ideia de Py ao afirmar que “o “*evangelho hoje*” é instrumentalizado diretamente pela noção de família tradicional brasileira” (p. 11).

A Frente Parlamentar Evangélica é mista, pois é formada por deputados e senadores, que não necessariamente são evangélicos, mas que apoiam as pautas conservadoras e de costumes. Segundo o autor, a “Frente” congrega a Bancada

Evangélica mais políticos que apresentam conexões com seus temas” (p. 11) e descreve também que esse é “um grupo suprapartidário, nucleado envolta de parlamentares de diversos grupos e facções evangélicas” (p. 12). Grupo esse, com forte crescimento ao longo dos anos e que o autor atribui essa expansão não somente ao aumento do número de evangélicos no Brasil, mas ao “esforço das máquinas das grandes estruturas religiosas evangélicas para a eleição e a manutenção de deputados e senadores evangélicos” (p.15).

Nesse primeiro capítulo, Py consegue demonstrar como a “FPE aparelha teologicamente a política de Bolsonaro e o blinda nos tempos de pandemia indo contra a Organização Mundial da Saúde” (p. 23) e traz o nome de figuras importantes dentro dessa articulação como Silas Malafaia, Marco Feliciano e Magno Malta.

No segundo capítulo a tônica é demonstrar a reação do governo Bolsonaro frente à queda de sua popularidade diante da gestão catastrófica da pandemia, tendo como consequência um elevado número de mortes, principalmente quando há um comparativo com outros países. Com um enfraquecimento junto às suas bases de apoio, há então a necessidade de retomar a credibilidade perdida. De acordo com Py, “Jair Messias Bolsonaro e os intelectuais de sua cúpula preparam uma contraofensiva para reajustar sua base social, aumentando o tom de seu discurso cristão” (p. 24).

A estratégia político-religiosa escolhe a Páscoa para retomar o comparativo entre a figura do presidente e de Jesus Cristo, algo que já havia sido feito no episódio da facada. O feriado pascal foi adotado pela simbologia da data, que representa o triunfo sobre o sofrimento e a morte. Este contexto é definido por Py como “guerra pelo Deus cristão que Bolsonaro alimenta a base do governo autoritário ao reforçar sua gestão do ideário maniqueísta” (p.25). É exatamente por essa junção de autoritarismo e religiosidade que o autor traz o termo “Cristofascismo brasileiro”.

Cristofascismo é um termo da teóloga alemã Dorothee Söller que faz uma relação entre “integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, quando o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para sua composição” (p.28). Py compara esse momento do nazismo com a realidade brasileira do governo Bolsonaro, que também se utiliza dessas bases religiosas, pelo prisma da autoridade. Como o autor afirma “o cristofascismo brasileiro será uma teologia do poder autoritário de traços fascistas no Sul” (p.29).

O resgate do conceito de Cristofascismo, utilizado pelo autor e repensado para a realidade brasileira, é fundamental para compreender a dinâmica por trás do entrelaçamento político religioso, pois consegue resumir a junção de autoritarismo e religião auxiliando na sintetização de uma ideia, que exemplifica as atitudes tomadas pelo governo de Bolsonaro. Py oferece um conjunto de categorias ajudando a elucidar a realidade contextual pandêmica e política, nos brindando com este conceito que além de adequado é útil para quem deseja descrever as bases fascistas presentes nesse mandato bolsonarista.

Ainda neste segundo capítulo, o autor divide a estratégia de articulação entre o campo religioso e governo em 7 atos orquestrados, tendo no domingo de Páscoa sua culminância. Para isso, Bolsonaro lança mão de versículos bíblicos, convocação de um jejum em um âmbito nacional, recebimento de católicos com a estátua de Nossa Senhora de Fátima e aproximação com líderes das grandes corporações evangélicas, utilizando as redes sociais como palco para expor sua religiosidade. Para Py, a intenção do presidente com toda essa cena era se “pintar como messias cristão para voltar a mobilizar sua base conservadora religiosa” (p. 38).

No último capítulo, o autor cita uma fala de Bolsonaro minimizando a gravidade da pandemia e endossada por líderes religiosos, como Valdemiro Santiago, bispo Macedo e Silas Malafaia. Esses três são figuras proeminentes no meio e a função do apoio era fortalecer o discurso presidencial, apesar do elevado número de mortes, para parecer que Bolsonaro estava seguindo os desígnios de Deus.

O autor resgata a teologia, mais precisamente o livro bíblico de Levítico, para demonstrar como nas escrituras aparece um episódio de pandemia e como naquele contexto ela é tratada. O autor traz então alguns versículos comparando duas realidades que, apesar de distintas, têm em uma conjuntura de peste certas similitudes. O interessante desse resgate teológico é demonstrar, dentro da própria bíblia, instruções que colocariam em embate versículos bíblicos descontextualizados utilizados para embasar o discurso cristofascista de Bolsonaro. Como exemplo, é possível citar uma fala do presidente na comemoração dos 110 anos da Assembleia de Deus, em 2021, em Belém do Pará, quando o diz: “(...) tem uma passagem bíblica, provérbios, 24:10 ou 10:24: Se fores frouxo no dia da angústia tua força é pequena.”³ Tal versículo foi utilizado para justificar o porquê de Bolsonaro se posicionar contra o lockdown, que para agradar seus apoiadores religiosos utiliza a bíblia para ratificar suas atitudes.

“Pandemia Cristofascista” é um livro instigante porque consegue articular uma análise da epidemia do COVID19 a considerações sobre os aspectos fascistas presentes na gestão de Bolsonaro na presidência da república. Criticando as posturas autoritárias tomadas por Jair e seus apoiadores religiosos, Py nos apresenta um panorama da História do Tempo Presente que se desenrola frente aos nossos olhos. A obra também proporciona uma reflexão de como os campos políticos e religiosos se conectam, influenciam e as estratégias utilizadas por seus articuladores para conseguir encaixar o discurso bíblico em atividades que deveriam ser constitucionalmente laicas. Py proporciona um texto atendendo aos pesquisadores das temáticas de religião e de história, e também aqueles que simplesmente se interessam pelas questões políticas da atualidade.

Referências bibliográficas

BOLSONARO, Jair Messias. #AoVivo: Presidente Jair Bolsonaro participa da comemoração dos 110 anos da Assembleia de Deus. *Planalto*. Belém do Pará, 18 de jun. de 2021. (19m26s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MKHr1OFFPkcw>. Acesso em 24 de jun. de 2021.

Quem somos. *Frente Parlamentar Evangélica*. Disponível em: <http://www.fpevangolica.com.br/novosite/index.php?pg=ler&id=8>. Acesso em 14 de fev. de 2022.

PY, Fábio. *Pandemia Cristofascista*. Série: contágios infernais. São Paulo: Recriar, 2020a. 53 p.

PY, Fábio. Bolsonaro’s Brazilian Christofascism during the Easter period plagued by Covid-19. *International Journal of Latin American Religions*, v. 4, 2020b. p. 318-334

PY, Fábio. The Current Political Path of an Ultra-Catholic Agent of Brazilian Christofacism Father Paulo Ricardo. *International Journal of Latin American Religions*. v. 5, 2020c. p. 414-427

PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro, *Tempo & Argumento*, n.34, v.13, 2021.

¹Disponível em <http://www.fpevangolica.com.br/novosite/index.php?pg=ler&id=8>. Acesso em 14 de fev, de 2022.

² Idem.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MKHr1OFFPkcw>. Acesso em 24 de jun. de 2021.

Recebido em 10/03/2022

Aceito para publicação em 20/05/2022